

7



## O Universitário e os Problemas do Estudo

por João Cosme Santos Guerreiro  
Aluno da Faculdade de Ciências de Lisboa

A Universidade desempenha papel preponderante na vida da Nação. Formando indivíduos sobre quem mais tarde cairá a responsabilidade dos sectores progressivos da Nação --- ciência, técnica, etc. --- é evidente a importância da apreciação sobre a forma como aqueles mesmos indivíduos se educam .

Como universitário, sentindo os problemas da vida da universidade, anilharei alguns dos seus aspectos . Não sairei do quadro dos problemas de estudo e mesmo aí não tenho a pretensão da análise completa dada a sua complexidade . De resto, acho que os problemas de estudo na universidade deveriam ser analisados por todos os universitários . Só assim, colectivamente, se poderia chegar a conclusões aceitáveis . Não passa portanto tudo aquilo que vou escrever de apreciação pessoal, embora ligada a certa experiência, experiência que adquiri nos anos que já passei na Universidade e ainda por dirigir a Secção Pedagógica da Associação dos Estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa.

A orientação dos nossos cursos é má, de resto, como facilmente se demonstra, é desactualizada ao desenvolvimento técnico-científico das sociedades actuais .

Começemos por distinguir dois aspectos :

- a) programação dos cursos
- b) forma como são regidas diversas cadeiras

Referindo-me à Faculdade de Ciências, aquela que conheço mais de perto, não examino o problema num aspecto particular, visto que nas outras Faculdades a situação é semelhante .

Verifica-se em cada curso falta de cadeiras ou existência de cadeiras desnecessárias . Por outro lado, ainda com aspecto mais grave verifica-se a falta de especialização nos cursos de ciências o que é incompatível com o estado actual do pensamento científico .

Existe um curso com o nome de Licenciatura em Físico-Químicas, coisa que já não existe em qualquer país civilizado . Lá fora distinguem-se os cursos de Física dos de Química, e dentro de cada um destes procuram-se especializações . Este é um exemplo; outro com carácter diferente é o do curso de engenheiro geógrafo : a extensão deste curso e as cadeiras que constituem (todas as da licenciatura em matemáticas menos uma, e as cadeiras do próprio curso) não se justificam se atendermos ao papel que desempenha na vida real o engenheiro geógrafo .

Impõe-se portanto uma revisão da constituição dos cursos, uma programação completamente nova . As entidades competentes sempre a solução deste problema e ele só poderá ser resolvido se essas entidades colaborarem com professores e alunos .

As Associações de Estudantes têm-se preocupado com este aspecto da vida universitária . A A.E. da Faculdade de Ciências de Lisboa, por intermédio da sua Secção Pedagógica, tem projectado o estudo de uma possível Reforma Pedagógica, tendo-se iniciado já os trabalhos respectivos .

Se é grave a programação dos cursos tal como está, não é menos grave a maneira como o ensino é ministrado .

Divórcio quasi completo entre professores e alunos é o que se verifica na maior parte das cadeiras. O catedrático cumpre muitas vezes programas desactualizados e de fraco valor formativo. Os cursos de Cálculo Infinitésimal, Análise Superior, Mecânica Racional, e muitos outros há nas mesmas condições, contem já uma geração, a menos uma ou outra modificação sem importancia .

Claro que nem só aos catedráticos cabem culpas, pois além de não se ocuparem, em muitos casos, só do ensino, o corpo de catedráticos é deficiente.





Um catedrático ocupando em média tres cadeiras raramente fará trabalho util. Por outro lado a regência da maior parte das cadeiras está entregue a professores não catedráticos chegando a haver secções ( por exemplo Física) sem catedráticos ao serviço. Estas deficiências do corpo docente prologem-se nos assistentes: em matematicas gerais, para um curso com mais de 400 alunos, só há 2 assistentes.

É claro que com horários sobrecarregados, catedráticos, regentes de cadeiras e assistentes, não podem fazer trabalho capaz. Os primeiros, em geral, transmitem a sebenta, e os segundos limitam-se a ensinar nas aulas práticas uma dúzia de processos para resolver outra dúzia de problemas dos quais 2 ou 3 sairão em exame. Os alunos têm a impressão que uma cadeira comporta duas partes distintas -- teoria e prática. E quantos são os casos em que se estudam as duas independentemente...

Mas não é só este o mal. Outro não menos grave é a falta de ligação entre as diversas cadeiras. Alí passam-se coisas impressionantes. Em Mecânica Racional dá-se o cálculo diferencial que já se dá no cálculo infinitésimal; em Electricidade faz-se applicação de teorias de matematica que não constam de nenhuma cadeira ~~desse curso~~ *de matematica.*

Esta falta de coordenação reflete-se numa desorientação completa do aluno em relação ao curso. É difficil, mesmo para os melhores dotados, estabelecer uma unificação dos seus conhecimentos.

A falta de livros de texto ou fontes de informação seguras, leva a sebenta, que por si não chega para a formação do universitário. A indole de uma cadeira exige sempre uma cultura adequada que se não pode adquirir em 400 ou 500 páginas de uma sebenta, muitas vezes cheia de erros. Tem as Associações de Estudantes tentado reduzir o mal neste último aspecto, por intermédio das respectivas Secções de Folhas editando apontamentos que o professor corrige ( e de duas sabemos A.E. de Ciências e A.E.I.S. Técnico que já editarem livros de texto). Mas não chega. O livro de texto é fundamental. O problema só seria resolvido se os professores fossem obrigados



4  
editar um livro de texto, edição subsidiada pelo Ministério da Educação Nacional. Outra sugestão: desde que os sebentes se baseiam normalmente em tratados estrangeiros, deveria facilitar-se a aquisição destes. O papel das Associações aqui será fundamental, e esperamos que estas montem, como pretendem e já têm tentado, a sua tipografia. Aliás em muitos países existia já a Imprensa Universitária.

As instalações laboratoriais das diversas universidades são más ~~e~~ ~~capazes de Técnico~~. Uma simples visita aos laboratórios da Faculdade de Ciências mostra que é impossível fazer trabalho eficaz. Aqui a situação agravou-se com a redução de horas de aula prática, imposta ultimamente (a Associação já fez sentir, numa exposição que entregou, os prejuízos que resultaram da redução das horas semanais de trabalhos práticos).

Em resumo: as deficiências do corpo docente, os processos arcaicos dos sebentes, as deficientes instalações laboratoriais, são as causas mais influentes da má qualidade do ensino ministrado nas nossas escolas superiores.

A nós estudantes universitários, unidos às respectivas Associações, cumpre o dever de pensarmos a sério na resolução destes problemas. Novas instalações, aumento dos quadros de professores, edição de livros texto, Imprensa Universitária, são reivindicações justas do nosso universitário

" " "  
"

Do que dissemos anteriormente resulta forçosamente um baixo nível de estudo, se pensarmos só <sup>no</sup> ~~na~~ rendimento máximo teórico, de acordo com as condições analisadas. Acontece, porém, que o rendimento prático é muito mais baixo. Há a juntar outro mal: o pouco interesse dos que estudam pelos respectivos cursos.

O nível de estudos no liceu é extremamente baixo e desconexo em relação aos estudos universitários. Basta observar as pautas das cadeiras de 1º ano, na sua maior parte, para ajuizarmos desta realidade. No <sup>an</sup> passado reprovaram 65% dos alunos que fizeram as frequências de Álgebra Superior



E daqueles que passaram para exame final verificou-se quasi idêntica percentagem de reprovações. Estes ~~minhos~~ números refletem bem a dificuldade que os alunos vindos do liceu têm em cumprir o estudo daquela cadeira.

Normalmente o estudante que sai do liceu procura às cegas um curso, um curso que lhe dê situação económica. Desta corrida aos cursos como meio de defesa na vida, resulta que se não tira um curso para desempenhar uma função de investigação, de professor ou de tecnico, mas sim para ir de qualquer maneira ocupar um lugar que dê situação vantajosa. . Muitas vezes felha o estudante num curso e tenta outro, e assim é vulgar um estudante de engenharia passar para ~~uma~~ matemáticas ou até ~~de~~ biologia.

Claro que ~~sim~~ debaixo deste ponto de vista o estudante não se interessa pelo estudo, não aprende a ser humano e quantas vezes eria aversão pelo pensamento do génio, que o lente tambem, diga-se de passagem, muitas vezes transmite precariamente.

Deriva daqui uma rotina, e cumpre a todos os universitários meditar sobre ela, pelo que de prejudicial tem não só para a Universidade como para o terreno mais amplo que nela se nutre, a própria Nação.

Baixo nível de estudo! O estudante muitas vezes não se preocupa com a compreensão, dispõe-se a meter na cabeça de qualquer forma as leis da sentença para em exame as despejar e se bem sucedido com efusiva alegria as esquecer.

As Associações de Estudantes cabe papel importante neste aspecto da vida universitária. As Secções Pedagógicas devem toma-lo a sério, e como? Sessões de estudo, criação de seminários de investigação para estudantes, contacto com os universitários estrangeiros, cursos de férias, etc...

Mas, esperança vã, para tudo isso é necessário dinheiro e as Associações vivem, sabemos todos nós, em condições precárias. Se houvesse uma compreensão total do problema por parte do universitário, penso que mesmo a não ser possível uma solução perfeita, muita coisa de util se haveria de conseguir. Sem receio de errar digo que são muito poucos os que vêem o problema: a grande massa ou não o vê ou então prefere a cómoda rotina.



Um aspecto que resulta do que já dissemos, mas que convém analisar é o desprezo quasi completo da capacidade creadora.

Este assunto é de excepcional importância pois não se pode admitir que um estudante seja mero receptáculo de fórmulas e leis. Não será exagero admitir que em muitos casos se dá maior apreço à memória do que à inteligência. Pela missão que deve cumprir na vida o licenciado deve ter levado ao máximo o desenvolvimento da sua capacidade creadora.

E o que se faz nesse sentido? Gosta dizer, mas é certo, absolutamente nada.

Os cursos começam e acabam a preparar alguma coisa que se não sabem o que é. Nunca se põe um problema científico para estudar completamente.

Ao estudante nos dois últimos anos do curso (neste ponto de vista deveria limitar-se o conteúdo do curso), deveriam pôr-se problemas que ele estudaria por si, procuraria a sua solução consultando livros, criando por si se possível, trabalhando em laboratórios, etc.

Dir-se-á que existem os estágios... Responderei primeiramente que há cursos sem estágios (matemáticas por exemplo). Por outro lado devido ao número de cadeiras normal em cada ano, o estágio durante o curso não pode ser executado com vantagem real. Agora uma disposição do Ministério da Educação fez passar os estágios nas Faculdades de Ciências para depois do curso e fora da própria Faculdade. Não se sabe ainda em que condições serão feitos, o que é certo é que tal disposição mesmo ao ser concretizada da melhor maneira levará a dois males: a) alongamento de cursos já de si longos; b) falta de orientação dos mestres.

De resto os estágios não resolverão nunca o problema da capacidade creadora, dado que que ela no próprio curso não se desenvolva. Só entrando em contacto com os problemas científicos nas cadeiras finais do curso, apresentando críticas e trabalhos originais, se pode esperar a formação de uma mentalidade própria, dum homem capaz de se debruçar sobre este ou aquele aspecto da vida real, enfim um ser autónomo com confiança em si próprio.



E não como acontece, autênticos espíritos de recepção que passam a vida a adorar, ou a odiar, o KKKK Einstein ou o Maxwell...

A missão do professor nesta função, a mais alta função da Universidade --a investigação -- era de interesse primordial, mas seria necessário o professor-investigador que aproximasse os alunos dos grandes génios, que lhes fizesse compreender que a Ciência foi criada pelos homens para os homens e que eles próprios têm o dever de contribuir para o pensamento científico.

" " "

Mas tudo isto é em vão se olharmos só para os problemas do curso ~~de~~ ~~estudo~~. O seu estudo é uma parte de um estudo mais geral: a formação do universitário como homem da sua sociedade.

E debaixo deste aspecto de <sup>curso</sup> procurar uma particularidade que não pudemos explicitamente: a situação económica do estudante e a situação económica do licenciado.

À situação económica do estudante liga-se o problema do profissionalismo do estudante, isto é, deve, ou não, o estudante universitário ser encarado como um profissional? e não assim, pelo menos que seja suficientemente subsidiado pelo Estado.

Liga-se à situação económica do licenciado um problema hoje gravíssimo no nosso País -- o desemprego de licenciados. E este desemprego de licenciados liga-se directamente a duas questões de interesse vital: a utilidade do licenciado na sociedade <sup>e o</sup> desenvolvimento técnico-científico do País.

Ficam postos estes problemas, cuja discussão e análise seriam ~~xxxx~~ certamente mais longas que esta.

Os debates sobre a Universidade são fundamentais quer para o universitário, quer para a Nação e este Congresso debatendo problemas universitários representa um acontecimento ~~xxx~~ importante na vida da Universidade de Portugal

7

Resumo ( e conclusão)

A má orientação dos cursos universitários, o desinteresse dos estudantes pelas matérias que estudam e o fraco desenvolvimento da sua capacidade creadora, foram os aspectos que foquei fundamentalmente.

Admiti soluções, mas entendo que estas devem merecer atenção especial das Associações de Estudantes. As entidades competentes devem procurar soluções estudando os problemas em conjunto com professores e alunos.

Os aspectos focados estão longe de constituirem uma análise completa do problema da formação do estudante universitário. Acho que estes são aspectos das problema mais geral "A formação do universitário como elemento social".

A situação económica do estudante e do licenciado são fundamentais. Sugiro, e sou de opinião, que o estudante seja considerado profissional. O problema do licenciado liga-se à definição precisa da sua missão na sociedade e ao desenvolvimento tecnico-ciêntifico do País.

*Adm. Amador*

